



## MASCULINIDADES CUIDADORAS: EXPERIÊNCIAS E TRAJETÓRIAS EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS NA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO/RS

CARING MASCULINITIES: EXPERIENCES AND TRAJECTORIES IN COMMUNITY CONTEXTS IN THE CITY OF SÃO LEOPOLDO/RS

Laura Cecilia López\*

Cauê Rodrigues\*\*

Natália Inês Schoffen Corrêa\*\*\*

**Resumo:** Os estudos sobre masculinidades se tornaram fundamentais para a discussão da equidade de gênero na América Latina, evidenciando a relação entre masculinidade hegemônica e dinâmicas de poder. Esses estudos, em diálogo com perspectivas feministas, buscam transformar estereótipos que reduzem os homens a "produtores de violência" ou à falta de cuidado, promovendo masculinidades gênero-sensíveis. A pesquisa apresentada explora a intersecção entre masculinidades, cuidado e políticas públicas em um contexto comunitário no sul do Brasil, especialmente durante a pandemia de COVID-19. A investigação dialogou com atores sociais envolvidos em práticas de cuidado comunitário, destacando a importância das experiências históricas e sociais que moldam suas práticas. Tratou-se de pesquisa-ação, que integrou métodos que valorizam a voz dos sujeitos envolvidos. A principal ferramenta foi a construção de um Diagnóstico Participativo de Equidade de Gênero, capaz de olhar para as dinâmicas de gênero que ocorrem no território. A pesquisa abordou as desigualdades sociais que afetam a produção de cuidado, especialmente em contextos de precarização e crise, e questiona como as políticas públicas podem ser mais inclusivas e sensíveis às necessidades de homens como cuidadores. As narrativas revelam a necessidade de construir masculinidades que abracem o cuidado como uma prática social possível, capaz de transformar as dinâmicas de gênero estabelecidas socialmente, com foco na promoção da equidade de gênero.

**Palavras-chave:** Masculinidades. Gênero. Cuidado. Equidade.

\* Professora do Departamento de Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Antropologia Social pela UFRGS. E-mail: lauracl1975@gmail.com

\*\* Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel em Psicologia pela UNISINOS. E-mail: psicocau@gmail.com

\*\*\* Graduada em Psicologia pela UNISINOS. E-mail: nataliainessc@hotmail.com



**Abstract:** Studies on masculinities have become fundamental to the discussion of gender equity in Latin America, highlighting the relationship between hegemonic masculinity and power dynamics. These studies, in dialogue with feminist perspectives, seek to transform stereotypes that reduce men to "producers of violence" or lack of care, promoting gender-sensitive masculinities. The research presented explores the intersection between masculinities, care, and public policies in a community context in southern Brazil, especially during the COVID-19 pandemic. The research engaged with social actors involved in community care practices, highlighting the importance of historical and social experiences that shape their practices. This was an action research that integrated methods that value the voice of the subjects involved. The main tool was the construction of a Participatory Gender Equity Diagnosis, capable of looking at the gender dynamics that occur in the territory. The research addressed the social inequalities that affect the production of care, especially in contexts of precariousness and crisis, and questions how public policies can be more inclusive and sensitive to the needs of men as caregivers. The narratives reveal the need to build masculinities that embrace care as a possible social practice, capable of transforming socially established gender dynamics, with a focus on promoting gender equality.

**Keywords:** Masculinities. Gender. Care. Equity.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre masculinidades vêm se tornando centrais para pensar a equidade de gênero. Na América Latina, essas pesquisas ganharam maior visibilidade nas últimas décadas, articulando-se com perspectivas feministas do Sul<sup>1</sup>. Intervenções políticas vêm sendo articuladas a esses estudos, abrindo possibilidades de questionar noções de masculinidade hegemônica<sup>2</sup>, e promover processos transformadores das dinâmicas de gênero. Nessas intervenções, abordam-se as masculinidades em suas complexidades, questionando estereótipos que homogeneizam os homens como "produtores de violência" ou pela "ausência de cuidados", abrindo possibilidades de construção e reconhecimento de masculinidades gênero-sensíveis<sup>3</sup>.

Conforme Connell<sup>4</sup>, as masculinidades devem ser compreendidas como elemento dentro de uma estrutura e de dinâmicas de gênero, permeadas por relações de poder que colocam os homens em uma posição dominante sobre pessoas de outros

<sup>1</sup> AGUAYO, Francisco; NASCIMENTO, Marcos. Dos décadas de Estudios de Hombres y Masculinidades en América Latina: avances y desafíos. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 207-220. abr. 2016.

<sup>2</sup> CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. Ciudad Universitaria: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

<sup>3</sup> VIVEROS-VIGOYA, Mara. *As Cores da Masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Trad. Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

<sup>4</sup> CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

gêneros. Porém, essa relação de poder não é absoluta e diferentes tipos de homens têm diferentes posições nessas dinâmicas. A categoria “homem” não é homogênea, devendo ser entendida como atravessada por assimetrias de gênero (se a pessoa é cis ou trans), classe, raça/etnicidade, orientação sexual, idade, entre outras intersecções que distribuem os custos e benefícios da masculinidade de modo muito desigual<sup>5</sup>.

Adotamos uma perspectiva relacional para entender as relações de gênero através das vidas localizadas de sujeitos e sociedades, atravessadas pelos processos históricos que as constituíram<sup>6</sup>. Assim, pensamos gênero como um dos eixos estruturais dentro do sistema-mundo colonial/patriarcal/capitalista/moderno<sup>7</sup>.

O cuidado, por sua vez, é questionado pelos estudos feministas latino-americanos, a partir da organização social e das profundas iniquidades no cenário regional em relação a como o trabalho de cuidado (seja ele formal ou informal; vinculado à manutenção da vida familiar, comunitária e/ou social) se distribui por gênero, considerando que as mulheres acumulam essas várias atividades<sup>8</sup>.

As redes de cuidado comunitárias existem em muitos grupos sociais como maneira de existir e resistir frente a situações que amplificam a precariedade e a morte. Pode-se dizer que as pandemias (e crises de diferentes ordens, sejam sanitárias, climáticas, políticas) ativam/potencializam formas e experiências sociais de sofrimentos e precariedades já existentes, mas também instigam a criação e transformação das maneiras de lidar com essas experiências. Formas de violência inscritas nos corpos subalternizados através de longas histórias de colonização, de processos políticos e econômicos produtores de desigualdades globais, são reatualizadas em contextos de crises sanitárias (exemplo, o aumento da violência intrafamiliar que recai sobre mulheres, crianças, pessoas LGBTI+). Ao mesmo tempo, há um fortalecimento das formas de resiliências e resistências que esses sujeitos foram criando, por exemplo, no ato de assumir o cuidado dos outros como responsabilidade social ou ao denunciar publicamente as precariedades da vida e do cuidar. Nesses cenários, questiona-se qual

---

<sup>5</sup> CONNELL, 2016.

<sup>6</sup> CONNELL, 2016.

<sup>7</sup> LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008.

<sup>8</sup> RICO, María Nieves; ROBLES, Claudia. *Políticas del cuidado en América Latina: forjando la igualdad*. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2016.

o lugar dos homens na produção de cuidado, principalmente pensando no contexto pandêmico e na dimensão comunitária do cuidado.

Assim, apresentamos resultados de pesquisa relacionados às masculinidades e à produção de cuidado em contexto comunitário. A investigação abordou a relação entre as dinâmicas de gênero e racial e as práticas do cuidado, na sua dimensão comunitária e na articulação com políticas públicas, em um território urbano periférico do sul do Brasil, no cenário da pandemia de COVID-19<sup>9</sup>. Dialogamos com a produção teórica sobre cuidado, com destaque ao cuidado comunitário<sup>10</sup>, conceito central que guiou a pesquisa, por abordar as redes de interdependência entre vários atores sociais, principalmente em regiões atravessadas por desigualdades sociais. Especificamente, analisamos narrativas biográficas de dois homens que moram no território pesquisado e têm uma atuação relevante na produção do cuidado comunitário.

Tratou-se de uma pesquisa antropológica que se insere no campo teórico-ético-político dos estudos interseccionais latino-americanos, no compromisso científico da busca por equidade e justiça social. Entrelaçando pensamentos, entendemos a interseccionalidade como dinâmicas sociais entrecruzadas e potencializadas que nos ajudam a entender tanto o nível macro das relações de poder e a produção de desigualdades no Sul Global, quanto o nível micro das experiências localizadas e as subjetividades em contextos de colonialidade<sup>11</sup>. Consideramos as masculinidades e a heterogeneidade de vidas e condições materiais na intersecção de gênero, raça, classe e outras dinâmicas também produtoras de desigualdades<sup>12</sup>.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa-ação foi realizada na cidade de São Leopoldo/RS entre os anos 2020 e 2024, sendo que a participação dos sujeitos afetados pela situação-problema

<sup>9</sup> O projeto “Equidade de gênero e políticas do cuidado em contexto de pandemia: pesquisa-ação em territórios da cidade de São Leopoldo” contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS 07/2021 – PROGRAMA PESQUISADOR GAÚCHO – PqG).

<sup>10</sup> VEGA, Cristina; MARTINEZ-BUJÁN, Raquel; PAREDES, Myriam (ed.). *Cuidado, comunidad y común. Experiencias cooperativas en el sostenimiento de la vida*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

<sup>11</sup> CONNELL, 2016; VIVEROS-VIGOYA, 2018.

<sup>12</sup> MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de Occidente. Academia feminista y discursos coloniales. In: SUÁREZ NAVAZ, Liliana; HERNÁNDEZ, Aída (ed.). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid: ed. Cátedra, 2008. p. 117-163.

acompanhou o desenho de investigação<sup>13</sup>. Integramos diferentes métodos e técnicas com uma forte dimensão participativa, tendo como meta final uma proposta de intervenção comprometida com a equidade de gênero e racial no território.

A primeira etapa de pesquisa foi a realização de um Diagnóstico Participativo de Equidade de Gênero (DPEG) no território escolhido, conforme reflexões de Lorena Aguilar et al<sup>14</sup>. O DPEG é um processo que busca “dar respostas de maneira coletiva a perguntas, inquietações e necessidades, que estão dispersas no saber dos participantes e que conformam a memória grupal”, partindo da ideia de “compreender para resolver.”<sup>15</sup> Assim, o foco não são apenas os problemas e necessidades, mas também quais são os recursos que a comunidade possui para enfrentá-los<sup>16</sup>.

Um primeiro passo apontado pelas autoras é a localização do contexto onde será desenvolvido o DPEG. Isto foi definido durante a pandemia, em 2020, em reuniões online com a equipe de pesquisa conformada por professoras e discentes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e membros de organizações da sociedade civil da cidade, que trabalham com a equidade de gênero. Definimos que a cidade de São Leopoldo, localizada na região metropolitana de Porto Alegre/RS, seria o palco maior da pesquisa, devido a ser a cidade de moradia de boa parte das pessoas integrantes da pesquisa, bem como sede do maior campus da universidade. São Leopoldo conta com uma população estimada de 217.409 habitantes<sup>17</sup>. Ainda, definimos como território de implementação da pesquisa, o bairro Feitoria, com o critério mais relevante da existência e presença marcante de mobilizações coletivas e associações comunitárias, no sentido de facilitar a articulação de redes para realização do estudo. Feitoria é o maior bairro do município, com uma população aproximada de 37.000 moradores, conforme dados públicos de 2022.

Incorporamos na equipe, pesquisadoras/es que moram e/ou que tem atuação comunitária no bairro, para definir elementos e circunstâncias que formaram parte do diagnóstico, delineando instrumentos e técnicas adequadas a esses objetivos. Essas participações foram de extrema importância para mapear o território do ponto de vista de

<sup>13</sup> THIOLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

<sup>14</sup> AGUILAR, Lorena et al. *Quien busca... encuentra: elaborando diagnósticos participativos con enfoque de género*. San José: ABSOLUTO, 1999.

<sup>15</sup> AGUILAR et al., 1999, p. 12. (tradução nossa)

<sup>16</sup> AGUILAR et al., 1999.

<sup>17</sup> IBGE. *Panorama do Censo 2022*. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>.

quem o vivencia de perto. Também se destacou o fato de ser uma equipe diversa em termos raciais e de identidades sexuais, sendo um ponto importante para a realização de uma pesquisa interseccional.

A partir dessa delimitação, começamos a etapa de mapear lideranças e equipamentos no território. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em julho de 2021, iniciamos uma etapa de entrevistas (online e presenciais) com lideranças comunitárias, agentes comunitários de saúde e outros trabalhadores da rede de saúde no bairro. O intuito das entrevistas foi averiguar quais equipamentos públicos e privados, redes de serviços, organizações da sociedade civil, espaços de lazer, espaços religiosos, etc., estão presentes no bairro; assim como quais são os espaços formais e informais de participação da comunidade e quem participa. Privilegiamos as narrativas biográficas das/os entrevistadas/os, relacionadas à trajetória social e práticas de cuidado ao longo da vida<sup>18</sup>.

Para os fins desse artigo, centramos nossa análise nas narrativas e experiências de dois homens entrevistados<sup>19</sup>, ambos cisgêneros, sendo um deles branco e outro negro. Um deles é um agente comunitário de saúde que trabalha na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro e o outro é uma liderança comunitária que atualmente está à frente da Associação de Moradores do território.

Como estratégia analítica, utilizamos a Análise Crítica de Discurso nas suas vertentes latino-americanas, na medida em que nos permite aproximação ao caráter produtivo do discurso, em um duplo sentido: como o discurso produz a sociedade e a sociedade produz o discurso<sup>20</sup>. Neste texto, analisamos as narrativas biográficas desses dois homens que exercem práticas comunitárias de cuidado. Reconstruímos aspectos das suas trajetórias pessoais vinculadas ao território, e das interseções de gênero e raça na produção de cuidado.

---

<sup>18</sup> Foram entrevistadas 18 pessoas (11 mulheres e 7 homens, todas pessoas cisgênero; sobre identificação étnico-racial, 3 indígenas da etnia kaingang; 6 pessoas negras e 9 brancas), ocupando as mais variadas posições dentro da comunidade e exercendo o cuidado também de formas plurais.

<sup>19</sup> Para a garantia do anonimato, os nomes serão fictícios.

<sup>20</sup> BERARDI, Leda (comp.). *Análisis Crítico del Discurso*. Perspectivas latinoamericanas. Santiago: Frasis Editores, 2003.

## CONTEXTUALIZANDO O TERRITÓRIO

A cidade de São Leopoldo está localizada na região do Vale do Rio dos Sinos, no nordeste do estado do Rio Grande do Sul. A ocupação originária desta região era do povo kaingang. Interessante notar que existe a aldeia Por Fi Ga na cidade, produto de uma retomada contemporânea de um grupo de famílias kaingang que se instalaram em acampamento na beira da estrada BR 116 no início dos anos 2000, e que, através de lutas abertas com várias esferas de governo, chegaram a ocupar um território no bairro Feitoria que foi reconhecido/regularizado como Terra Indígena em 2010.

Se retomarmos o histórico do bairro, no período colonial, a Real Feitoria do Linho Cânhamo (depois chamada Imperial Feitoria do Linho Cânhamo) instalou-se em 1788, na localidade então designada Faxinal do Courita, ao sul do Rio dos Sinos. A Feitoria foi criada com o propósito de produzir linho e cordas para embarcações, com exploração de trabalho escravizado de africanos e seus descendentes. Estudos historiográficos referem aos maus-tratos infligidos a esta população pelos administradores locais e as precárias condições de vida da população negra na região<sup>21</sup>.

O território do atual bairro Feitoria albergou a Casa da Feitoria, construída pelo Governo Imperial para servir como sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, habitada pela população negra escravizada que trabalhava lá. A Casa da Feitoria esteve em funcionamento até 1824, desativada meses antes da chegada de migrantes alemães. Foi utilizada para abrigar esses migrantes que chegaram a São Leopoldo, e assim passou a ser reconhecida como Casa do Imigrante<sup>22</sup>. A mudança representou uma tentativa de apagamento histórico do local através do embranquecimento, retirando o passado escravocrata presente na região e enfatizando apenas a herança “germânica” do local<sup>23</sup>.

Durante o século XX, a região se transformou em um polo de produção coureiro-calçadista, com o auge desse processo durante a década 1970 (cuja produção se

<sup>21</sup> NUNES, Margarete F. *et al.* “Era um hino de buzina de fábrica apitando”: memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 269-291, 2013.

<sup>22</sup> SCHNEIDER, Cristina Seibert; SELAU, Gabriela Passos. “Não Cabia Todo Mundo...”: A educação patrimonial na ressignificação do valor simbólico da Casa da Feitoria. *Historiæ*, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 151-170, 2021.

<sup>23</sup> SILVA, Sueli Angelita. “ONDE ESTÁ O JOVEM NEGRO?” Fragilidades socioeducacionais da juventude negra: evasão escolar, violência e extermínio. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

colocou no mercado internacional) e uma forte crise a partir dos anos de 1980 e 1990. Migrações das áreas rurais para as cidades, acontecidas durante as décadas de 1960 e 1970 em todo o Brasil, aconteceram fortemente nessa região, com destaque às possibilidades de trabalho na produção de calçados. Gerou-se uma grande expansão urbana, gerando um déficit habitacional.

Sampaio<sup>24</sup>, na sua análise das políticas habitacionais na cidade de São Leopoldo, destaca que, entre as décadas de 1970 e 1980, com o grande volume de recursos para financiar habitações populares, verificou-se uma expansão do processo de ocupação territorial através da construção e venda de conjuntos habitacionais. Em São Leopoldo foram dois conjuntos habitacionais conhecidos como Cohab Feitoria e Cohab Duque de Caxias. Assim como ocorria em outras cidades, esses conjuntos foram construídos em zonas periféricas de ocupação, que se ligavam por poucos eixos ao restante da cidade, com vazios urbanos representando barreiras e distanciamento<sup>25</sup>.

Muitas das pessoas que foram morar no Cohab Feitoria foram atraídas para a região pelas possibilidades de trabalho na indústria coureiro-calçadista e ainda pelas condições de acesso à moradia popular. Existem no território percursos de lutas por acesso a vários direitos sociais, que acompanharam as histórias dos centros urbanos brasileiros em expansão a partir da década de 1970, com acirramento das desigualdades dentro das próprias cidades e a criação de espaços de exclusão cada vez mais acentuados. Assim, as lutas por creches, educação, moradia, saúde, espaços culturais e de lazer, vão emergindo nas diversas cidades do Brasil. Nesses processos, os cuidados comunitários estiveram presentes de diversas maneiras, como formas de resistir a apagamentos e a precariedades e garantir a manutenção das vidas.

Na década de 1990, houve várias iniciativas de organização política dos jovens do bairro, principalmente na demanda por espaços descentralizados de cultura e lazer. Estes jovens empreenderam uma revitalização de espaços existentes de cultura negra como as escolas de samba e as bandas de fanfarras que funcionavam nas escolas, que disputavam entre si e que naquela época os jovens introduziram os toques africanos nas

---

<sup>24</sup> SAMPAIO, Valdirene Palmeira M. *Da trajetória da política habitacional ao encontro do Programa Minha Casa Minha Vida em São Leopoldo*. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

<sup>25</sup> UGALDE, Cláudio; RIGATTI, Décio. *Configuração espacial e desenvolvimento urbano-regional*. Florianópolis: UNISC, 2007.

bandas. Constituíram também novos espaços, como os coletivos de hip hop e a presença da prática do skate no bairro<sup>26</sup>. (Re)constrói-se uma trama de cultura *amefricana*<sup>27</sup> envolvendo diferentes coletivos e associações que disputam seu lugar num espaço público marcado por um processo de apagamento da história e presença negra no bairro. Como contextualiza Silva<sup>28</sup>, essa “efervescência afro” sofreu um novo apagamento, vinculado com os processos de expansão do tráfico de drogas e marginalização das periferias urbanas nas últimas décadas, sendo este o cenário para sua análise sobre evasão escolar e extermínio de jovens negros no bairro.

Referente à demanda pela instalação de uma unidade de saúde no bairro, a UBS Cohab Feitoria foi criada no ano de 2009. Pode-se entender que foi um dos produtos das lutas pelo direito à saúde e expansão da rede de atenção à saúde que se deu naquela época no Brasil e no próprio município, com a descentralização crescente e o fortalecimento da Atenção Básica. O primeiro equipamento de saúde do território foi o Centro de Saúde Feitoria, localizado na região central do bairro. Porém, esse equipamento não dava conta das demandas de saúde da população. Atualmente a UBS Cohab Feitoria compreende três equipes de Saúde da Família (eSF), possui mais de 10.000 usuários cadastrados e amplo território dividido por três áreas distintas, se constituindo na maior UBS do município.

## TRAJETÓRIAS MASCULINAS, DISPOSIÇÕES E RESPONSABILIZAÇÃO PARA O CUIDADO

Apresentaremos aqui os dois entrevistados, refletindo sobre como suas trajetórias se entrecruzam com a disposição e a responsabilização para cuidar.

Dialogamos com dimensões do cuidado delineadas por Helena Hirata<sup>29</sup>. Em primeiro lugar, entende-se o cuidado como **relação social de trabalho** em que estão enredadas a disposição e as práticas materiais das cuidadoras e dos cuidadores para com as/os beneficiárias/os do cuidado; e como **processo**, ao *preocupar-se com; cuidar de; dispensar cuidados; receber cuidados*. O cuidado entende-se também como

---

<sup>26</sup> SILVA, 2022.

<sup>27</sup> GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Organizado por Flavia Rios e Márcia Lima. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

<sup>28</sup> SILVA, 2022.

<sup>29</sup> HIRATA, Helena. *O cuidado: teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

**responsabilidade**, do ponto de vista tanto de políticas públicas quanto de indivíduos. Isto refere a uma ética do cuidado como responsabilidade de diversos atores sociais, reforçando uma lógica de garantia de direitos. Ainda, o cuidado é uma relação social atravessada por **relações de gênero**, sendo um trabalho que recai principalmente nas mulheres. Ampliamos essa definição, incorporando as masculinidades para pensar a distribuição do trabalho de cuidado comunitário.

Começaremos com a apresentação de Tiago, Agente Comunitário de Saúde (ACS). Ele é um homem cisgênero, heterossexual e branco, de 31 anos na época da entrevista (2022). Ele contou que naquele momento era um dos ACS mais antigos, com 6 anos de atuação. Podemos entender que a prática de cuidar esteve presente na sua vida, relacionada ao trabalho na área da saúde por parte da sua família:

*“O meu trabalho em saúde foi desde o estágio, muito tempo atrás né, eu fui estagiário ali da UBAM Feitoria, no plantão, de noite, então era... então essa vivência, minha família também é toda da área da saúde, então já tive essa vivência na área da saúde. Ahm, eu trabalhava na Taurus, fiquei 5 anos trabalhando, aí abriu um processo seletivo aqui pra unidade, onde eu já tinha um amigo meu que tava trabalhando aqui, agente comunitário de saúde também, ele falou ‘meu, vem trabalhar comigo’.”*

Ele teve uma passagem pelo exército, experiência que o afetou subjetivamente. Nesse processo, ele percebeu que o serviço militar o deixou extremamente rígido e fechado, dificultando inclusive o seu início de trabalho como ACS:

*“O meu ano de recruta foi muito difícil, muito difícil mesmo. Essa rigidez aconteceu, eu era uma pessoa que não era madura, 17 anos, então tu entra numa rigidez, numa hierarquia extrema, onde qualquer coisa tu tem que pagar, tá entendendo? Qualquer coisa que fizer errado tu vai pagar na hora ali. A questão do campo básico, do não dar risada pra ninguém... ter que manter a cara fechada, a cara feia, tá entendendo? Imagina tu, um ano sendo trabalhado desse jeito [...] minha namorada falava ‘bah, tu não sorri nem pras fotos’ [...] Mas era bem difícil. E foi isso que me tornou rígido. Porque eu tava também na adolescência, descobrindo como é que eu ia ser, como eu ia ser profissionalmente, e aí, exército. Então... o exército já prepara o homem pra ser uma pedra, pra ser bem característica militar mesmo.”*

Badinter<sup>30</sup>, ao estudar as identidades masculinas, demarca que, embora desde cedo haja a associação biologizante e cisnormativa<sup>31</sup> de que aquele que nasce com um pênis seja um homem, a identificação com a identidade masculina é “fabricada” com ditos e deveres sobre o que pode ou não um homem fazer. Há um conjunto de normativas machistas que buscam qualificar quem pode se associar com o rótulo de homem,

<sup>30</sup> BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>31</sup> Cisnormativa faz referência a lógica social que induz os sujeitos a seguirem a cisgeneridade.

visando separar os “homens de verdade”, daqueles que não atingem a “virilidade necessária”. Esta lógica é atualizada constantemente em diversos contextos do nosso cotidiano, sendo encontrada no ambiente militar uma reprodução explícita dessa fabricação, em que há uma rigidez severa aplicada no corpo e na subjetividade dos homens.

Ele afirma que, com o tempo, conseguiu voltar a ter carisma e ser mais acolhedor com todas as pessoas, sendo reconhecido no serviço por estar sempre com bom humor (“eu tava até conversando com um amigo meu, ‘ah, agora tá um mel’, eles dizem”):

*“Eu fui militar, durante dois anos e dez meses. Aí, fiquei rígido, bastante rígido, bastante fechado. Depois comecei a trabalhar na Taurus e mantive essa mesma postura. Depois quando eu vim pra cá, eu tive que mudar totalmente esse meu jeito, né? Então, **o carisma tomou conta de mim, o acolhimento.** Eu sou um cara que eu amo acolher as pessoas... Porque isso foi uma coisa que eu trabalhei, e o trabalho também me ensinou a ser desse jeito, ser acolhedor, conversar com a pessoa, escutar o problema da pessoa, tentar solucionar. Então eu faço esse sistema de acolhimento, e foi uma coisa que eu aprendi com o trabalho, sabe? A ter esse carisma também, antes eu era mais fechado, então, eu aprendi aqui a estar sempre conversando. Foram qualidades que o trabalho me trouxe. Qualidades muito boas que eu estou levando pra minha vida, que estão me fazendo relacionar com muitas pessoas legais.”*

Ao olharmos para a história de Tiago, fica explícito como ele se transforma a partir do campo de possibilidades que lhe é ofertado, podendo experimentar diversas formas de interagir e buscar o seu desejo dentro do contexto no qual está inserido. Interessante notar que ele se considera uma pessoa com disposição para o cuidado:

*“Eu consigo ter mais acesso com todo mundo, sabe? Uma qualidade que eu tenho, eu sou muito carismático, então isso ajuda muito, porque eu to sempre conversando com um, conversando com um cara, chega o cara da boca e eu ‘ê, como é que tá?’. E já chega outra lá, a senhora da igreja e eu ‘como é que tá?’, sabe? Então as pessoas vêem aquilo ali e, sabe, se abrem bastante comigo assim, sabe? Relacionado a saúde do que que eu posso fazer pra sempre ajudar elas, sabe? Elas sabem também que eu to sempre à disposição. Bem tranquilo assim, relacionado a isso.”*

Neste sentido, Tiago demonstra que sempre esteve apto a cuidar e promover cuidado, porém, antes de assumir o trabalho como Agente Comunitário de Saúde, passou por espaços que o embruteceram. Somente quando ele adentra um local de trabalho que cobra uma posição implicada com o cuidado e a saúde da comunidade, que ele consegue se aproximar do seu desejo. Desta forma, denotamos quanto o trabalho em saúde pode ser um local de referência para a “fabricação” de masculinidades implicadas com o cuidado e uma produção de saúde tanto singular, do sujeito com ele mesmo, como coletiva, se percebendo como um agente responsável pelo cuidado social.



Mateus, o outro entrevistado, é um homem cisgênero negro de 40 anos (à época da entrevista, em 2022), que nasceu e cresceu no bairro: *“quando meu pai e minha mãe vieram morar aqui, eles foram os segundos moradores daquela quadra ali, ao lado da escola, e a escola estava em construção ainda”*. Sua vida acompanhou a história da Cohab Feitoria. Desde jovem foi parte dos movimentos culturais no bairro vinculados à comunidade negra.

Sobre a disposição para o cuidado, ele refere a sua história e dinâmica familiar:

*“Eu sou de uma família de 12 irmãos, 6 homens e 6 mulheres. E dos homens eu sou o mais velho. Tem a minha irmã que é mais velha que eu, e daí os outros são tudo mais novos. Então, os meus irmãos mais novos, eles sempre falam que ‘o mano’, eu sou o mano na minha família né, ‘é o nosso segundo pai’, sabe? Por quê? Porque, assim como eu sou aqui na Associação, eu sou na minha família. E começou lá, sabe? ‘Bah, aconteceu... chama o mano’, sabe? Então, isso começou dentro de casa. Com 7 anos, 6 anos, quando eu entrei na primeira série, na escola, eu ia com meu pai pra oficina dele... eu ia pra escola, e da escola eu ia pra oficina do meu pai, ajudar ele, tipo, não trabalhava, mas eu tava junto. Então eu sempre acompanhei meu pai, sabe? E daí eu... ali, quando criança já, eu já fui vendo o que que é ser responsável, sabe? E daí fui crescendo, e sempre com irmão mais novo. Então, a prioridade sempre é os irmãos mais novo, né? Eu já fui crescendo com isso.”*

Em 2021, pleno contexto de pandemia, Mateus e outros parceiros de militância social e cultural decidiram retomar a Associação de Moradores Cohab Feitoria (AMOCF) da ocupação de facções do tráfico de drogas local e direcioná-la para dar conta de problemáticas comunitárias. Assim, constituíram uma chapa para disputar as eleições da AMOCF com uma proposta diferenciada:

*“A gente não via atividades acontecendo aqui né, com a comunidade, os moradores. E a Associação era vista como um salão de aluguel pra festa, as pessoas procuravam a Associação não para daqui a pouco pedir para resolver uma demanda, alguma coisa do bairro. Mas, sim, para usar o espaço físico mesmo, para uma festa de aniversário, enfim. Só que nós, quando chegamos, a gente quis mudar isso, tanto que o nosso slogan da nossa gestão é ‘de portas abertas para a comunidade’.”*

Interessante notar que foi a primeira gestão de homens negros vinculados a movimentos pela democratização e valorização da cultura e do lazer no bairro. Isto desestabilizou os membros mais antigos da associação, tendo em vista os estereótipos acionados comumente relacionados aos homens negros como “produtores de violência” ou pela “ausência de cuidados”:

*“Quando a gente assumiu a Associação aqui, cara, todo mundo olhou assim ‘bah, o que que eles vão fazer agora?’ Tipo... ‘bah, deram a chave da Associação pros pretinhos lá’. Nós éramos vistos como uma gestão que ia... porque nós somos da cultura, né? Eu sou DJ, o Igor era grafiteiro, Carlos canta rap, então a nossa gestão é da cultura, por isso que a gente abriu as portas, né? Vamos abrir para as atividades e tal, porque a nossa base é a cultura. Então,*

*muita crítica no início a gente recebeu que ia ser só evento noturno e tal. E é o que menos tem...”*

Do ponto de vista interseccional, pode-se entender que as dimensões racial e etária se entrelaçaram para um julgamento das pessoas que até então presidiam a associação:

*“E até... quando a gente veio daí pra Associação aqui, a nossa diretoria era, é composta... são 12 na diretoria, né? Eu acho que era uns... 9 homens e 3 mulheres, sabe? E daí tipo... ficou meio assim, sabe? Não da nossa parte, sabe, porque hoje a gente tá... a gente avançou tanto, que eu achei que nem no melhor sonho, eu achei que nós ia tá onde a gente tá hoje, com a comunidade, tá? Nem no melhor sonho, sabe? De trazer a comunidade e ela participar, sabe? Então lá no início, com certeza, a gente ouviu bastante isso. Sabe? ‘Bah, os guri... o que que eles vão fazer? Eles não sabem’... A gente ouviu bastante isso, no início, sabe? Mas nada como o tempo dizer por si só, né?”*

O exercício do lugar de cuidadores por parte desses homens negros abre possibilidades de construção e reconhecimento de masculinidades gênero-sensíveis e racialmente conscientes. É importante ressaltar que o bairro Feitoria é historicamente negro, mas a AMOCF ainda era dirigida por muitas pessoas brancas. A entrada desses homens nesta direção promove um importante cuidado comunitário, ao mesmo tempo em que possui uma representação simbólica importantíssima, pois representam os homens negros ocupando e impulsionando relações de cuidado, fugindo de estereótipos racistas constantemente atrelados a eles.

Mateus vai delineando, no seu cotidiano, a adesão a uma “ética do cuidado”<sup>32</sup>, ao assumir publicamente a responsabilidade e o compromisso de produzir cuidado com as vidas ao seu redor:

*“Então, depois que tu tá de frente de uma entidade, né, que digamos que é... não deixa de ser responsável pelas pessoas que moram no bairro, tu começa a ter uma visão diferente da vida, né? Então, em vez de cuidar da tua vida, daí tu começa a importar mais com a vida dos teus vizinhos, né, da comunidade. Então, esse engajamento, assim, na vida das pessoas, é diário, né? Tanto que, eu como presidente da Associação, o Carlos aqui como presidente da outra Associação, nós somos, digamos, referência na comunidade, eles acabam procurando nós, né? E pra tudo, todos os dias, né? Daqui a pouco quando terminar a entrevista eu vou pegar meu telefone e vai ter alguma coisa ali, sabe?”*

Aparece, nessa narrativa, a solicitude e a responsabilização como disposição para o cuidado, e assim o cuidar e ser cuidado<sup>33</sup>. Nas palavras de Mateus, questiona-se o cuidado com sua própria vida, que fica em segundo lugar, na responsabilidade de

<sup>32</sup> BRUGÈRE, Fabienne. *A ética do cuidado*. São Paulo: Contracorrente, 2023 [2017].

<sup>33</sup> BRUGÈRE, 2023.

cuidado para com os outros. Na narrativa de Tiago, fica mais explícita a questão de “quem cuida dos cuidadores?”:

*“Infelizmente por causa da questão do COVID e também por outras questões, até mentais, isso é uma coisa que tá dando muito aqui na nossa unidade, também. Estamos com 3 agentes comunitárias de saúde afastada por questões mentais, entendeu? Que... aquela coisa, imagina tu ficar todo dia vendo, conversando com uma pessoa problema, problema, problema, entendeu? Chega um momento que se tu não tá preparado, tu não blinda a tua mente, tu explode, né. Como eu já tava trabalhando há muito tempo, eu já sabia, já sei o que que eu tenho que fazer pra... tipo, eu tenho comigo assim que eu tiro férias de 6 em 6 meses, 15 dias, sabe? Porque o primeiro ano foi horrível. Infelizmente hoje, o nosso município, sou servidor do município, então, ahm, não existe nenhum tipo de política com a saúde do servidor, sabe? Eu acho que em geral, até mesmo em questão da covid, no trabalho. Eu não tive ninguém que veio perguntar como é que eu tava, eu não tive ninguém pra, tipo, me escutar sobre a minha saúde mental, o pós-covid, tá entendendo?”*

Nas narrativas apresentadas, as fases do cuidado aparecem conforme as pessoas vão percebendo as necessidades no território e se engajando em ações coletivas, assumindo responsabilidades com os outros e prestando cuidado. Sobre o “receber cuidados”, os próprios cuidadores expressaram ocasiões em que passaram a ser sujeitos que recebem cuidados, mas esse “receber cuidado” é uma discussão interessante de se colocar: quem cuida dos sujeitos que exercem o cuidado comunitário e que dão conta das múltiplas necessidades de vida pessoal, familiar e comunitária?

## DESIGUALDADES E PRODUÇÃO DE CUIDADO COMUNITÁRIO

A relação entre **cuidado e desigualdades sociais** apontada por Hirata<sup>34</sup> será o foco nesse item. Questiona-se como os cuidados comunitários se tornam centrais para as vidas no território, principalmente durante as crises e considerando a precarização ou ausência de equipamentos públicos. Ainda, articula-se a demanda por políticas públicas que promovam equidade de gênero.

Tiago reflete dimensões da masculinidade e das violências do entorno vinculadas à sua atuação como ACS:

*“Como eu e o João só somos nós dois de agentes comunitários de saúde, então... a minha área é meio vulnerável, a do João não é tanto. A questão do tráfico é complicada ali, então aquela coisa ou não, eles sempre tão olhando com outra cara ali, mesmo me conhecendo, a população e coisa, porque o tráfico é sempre uma rotação de pessoas. É difícil ter acesso a alguns locais ali, tanto que a minha área é mais fora, porque lá dentro a concentração do tráfico é maior, então eu já to numa área mais afastada, entendeu? Porque... até com as gurias [demais ACS] já aconteceu essa questão também de... ficar olhando, tirar foto, coisas*

<sup>34</sup> HIRATA, 2022.

*assim, sabe? Porque é uma questão né de, eu acho que de segurança deles, eu não sei. Mas isso tava sendo uma dificuldade que teve alguns anos atrás, né? Que eu até tive que fazer uma troca de área também, sabe. Eu fui pra Área 3 porque também, tava com um agente comunitário de saúde na Área 3, daí eu vim também, que já tava acontecendo isso repetidamente, sabe. Ficavam olhando, ficavam seguindo o cara, tiravam foto, aquela coisa, sabe. Aí eu falei 'bah, antes que dê alguma coisa, eu vou me recolher, entendeu, e vou passar pra outra área pra... pra dar uma acalmada e tal e depois eu volto pra lá', daí foi feito isso."*

Citamos que as dimensões da criminalidade e das violências urbanas afetam a vida dos homens, principalmente interseccionando raça, classe social e idade, inclusive dos próprios trabalhadores da Atenção Básica. A vida dos homens do território pesquisado está sob ameaça, principalmente com as violências decorrentes do tráfico de drogas, do crime organizado e da polícia, se tratando de um bairro periférico de maioria de população negra<sup>35</sup>.

Ao pensar nas construções de políticas de cuidado com a saúde dos homens, percebemos um movimento de manutenção social do estereótipo de homens como incapazes de produzir cuidado. Embora tenhamos a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), percebemos sua defasagem nos serviços de saúde, ocorrendo apenas em campanhas do Novembro Azul<sup>36</sup>. Segundo Tiago:

*"A questão hoje da saúde do homem ali ó, é muito difícil nós pegar homem em casa, é uma dificuldade gigantesca. Quem nós pegamos homem em casa são pessoas mais idosas, que elas já tão cuidando da saúde delas... Porque hoje o homem tem o fardo de ter que trazer o sustento pra dentro de casa, né? Então é muito difícil tu ter esse... diálogo com o homem nas nossas visitas domiciliares, né. Tanto que, no momento que é às 17h, quando nós saímos do trabalho, o homem ainda não chegou do trabalho. Então todo tipo de relato que tu tens sobre a saúde do homem é da esposa, é da namorada... Nunca vai ser dele. Então é uma questão bem difícil. Nós fizemos até o Novembro Azul aqui, a situação foi boa, mas não foi que nem o Outubro Rosa, entendeu? Porque o Outubro Rosa estourou assim, que não dava... não tinha o que fazer. Sabe? Então, é uma coisa que nós, até em reunião nós estamos trabalhando, pra ver que... como nós podemos acessar esses homens, melhor? Da importância do autocuidado, da saúde, entendeu? Pra tentar ver se nós conseguimos fazer essa população, só que é uma coisa meio cultural, né, é bem difícil. É bem difícil tu mudar uma coisa cultural, assim, né. Porque o homem é mais pedra, é mais 'ah, eu não vou no médico por qualquer coisa', tal, então, mas o que que nós conseguimos captar de informação assim, pela mulher, ou namorada, ou outra pessoa, nós sempre trouxemos né, pra quando a pessoa precisar da consulta, já tem aquele relato, ali né, da pessoa. Mas é bem difícil, assim, é bem difícil."*

Podemos elaborar o seguinte questionamento: os homens não aderem aos espaços de saúde por serem inaptos em se cuidarem, ou são os serviços de saúde que

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Elda *et al.* Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença-cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. *Interface*, Botucatu, v. 24, e180736, 2020.

<sup>36</sup> RODRIGUES, Cauê *et al.* As políticas do (não) Cuidado Masculino: aplicações teóricas e práticas para a saúde em contexto comunitário. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 11, n. 9, e53611932207, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32207.

não constroem políticas e ações de cuidado voltadas aos homens? Embora o discurso na ESF tenha sido de que os homens não adentram no serviço, em nossas idas a campo observamos alguma presença, embora sempre menor do que de mulheres, dentro do serviço. Em novembro de 2023, pensando em ações para o Novembro Azul, a ESF abriu as portas em horário atípico, no sábado pela manhã, na busca de realizar atividades voltadas aos cuidados com os homens. Percebendo uma presença significativa de homens na sala de espera, promovemos uma roda de conversa naquele espaço para pensar nos cuidados com a saúde dos homens. Encontramos relatos de homens que gostariam de se cuidar mais, porém, impossibilitados pelo trabalho, não conseguiam acessar os serviços de saúde. Além disso, a necessidade de entrar em filas e a demora na marcação de atendimentos foram apontados como fatores que dificultam a inserção desses homens dentro dos espaços de cuidado. Constrói-se assim uma dicotomia: é cobrado dos homens que acessem mais o serviço, porém, não se criam espaços que promovam essa inserção, reforçando apenas a, errônea, percepção de que homens não desejam se responsabilizar pelos seus cuidados.

Um ponto fundamental para pensar a produção de cuidado comunitário, principalmente pensando na Atenção Básica, são as ações de enfrentamento e prevenção da violência contra as mulheres, exigindo um cuidado que se articule com as tramas socioculturais do território:

*“Com uma questão até meio que cultural, de dominação, que acontece com várias mulheres aqui. É uma área bem violenta, os homens são bem violentos assim, entendeu? Então, tem bastante mulher que é submissa, bastante mesmo. Que até pra ir no mercado fala que vai pro mercado. E se o cara relata isso, sabe? A questão de violência também, contra mulher também né, entendeu? Na área é bem... o que eu faço de notificação assim ó... sabe? Aqui nós trabalhamos com bastante notificações. ‘Ah, aconteceu isso? Notificação. Notificação. Ó’. ‘Ah não’. Daí explicamos pra pessoa ‘não é que a polícia vai vir aqui, vai fazer... né, tu...’. Nós orientamos o que que ela tem que fazer, mas essa notificação é pro município saber o que que tá acontecendo aqui. E pros órgãos competentes também saber o que tá acontecendo aqui. Pra eles tomar as devidas providências, né? [...] Como é uma área muito violenta, do tráfico, isso se tornou um acordo entre, tipo, o posto assim, sabe. Porque hoje, claro, já trouxemos pessoas pra falar sobre violência, né, violência contra a mulher, e tal. E convidamos mulheres que nós achamos que eram... ‘ah, venham lá participar de uma reuniõzinha que vai ter hoje, vai ter um chá, alguma coisa pra tomar’. Daí elas vieram, mas é uma questão bem difícil, sabe? É uma questão difícil porque assim ó, infelizmente, é uma área de vulnerabilidade do tráfico gigantesca, e isso pode acarretar no nosso trabalho.”*

A dimensão racial é central no território, sendo a Feitoria um bairro negro. A implementação da Política de Saúde da População Negra tem vários anos no município,



existindo um Comitê Técnico que trata do assunto. Tiago relata um trabalho feito no cotidiano, para enfrentar o apagamento das identidades negras no território:

*“Eu tive uma conversa com o Tomas, que é vereador da saúde, relacionada à questão dos cadastros, entendeu, da autoidentificação da pessoa, sabe? Porque assim ó, eu sei que hoje a população aqui é uns 75% negro, mas daí tu entra lá no sistema, 80, 90% branco, sabe? O que está tendo de erro, assim, sabe? Hoje existem vários recursos do Governo Federal que são relacionados a, dependendo do gênero, da raça, da cor, do lugar... Então, não está sendo utilizado isso. E agora nós vamos fazer um trabalho relacionado a isso, de identificação. ‘Eu quero saber, né, qual raça/cor que tu te intitula, pra eu colocar no teu prontuário’, é uma pergunta que assusta muito as pessoas né, eu nunca tinha visto, assim sabe, assusta muito. Ou até mesmo uma criança que nasce, sabe? Eu faço a pergunta, estou colocando no cadastro como a pessoa me fala, sabe? Pra ver se conseguimos mudar esses indicadores que não são verdadeiros, né? [...] Daí agora esse trabalho está sendo constante, feito nas visitas domiciliares. Quando a gestante vem pra cá nós já orientamos ela a fazer aquilo pra tentar mudar futuramente, né?”*

O contexto de crise sanitária durante a pandemia de COVID-19 fez emergir formas renovadas de cuidado comunitário, tanto da Atenção Básica quanto da sociedade civil. Tiago conta como mudou o seu trabalho:

*“Hoje, com a questão da pandemia mudou bastante né, a questão das visitas domiciliares, por causa do contágio nosso e também nosso passar pro paciente, então ela tá meio restrita ainda, né, a tu... a fazer aquela visita formal que tu fazia antes, chegar, sentar na casa da pessoa, tomar um chimarrão, ela sempre oferecia um cafézinho, uma coisa pra comer, ter uma conversa, um diálogo, pra saber mais da família, né, e isso acrescentar no prontuário médico, sabe? Tipo, pra quando a dotora pegar e olhar ‘pô, ó, é isso, isso e isso que aconteceu’, entendeu? Então ela tá sendo mais restrita, né. Agora tem a questão da informatização, que é o celular, o whatsapp. Então nós estamos fazendo bastante contato remoto. Eu tenho um telefone meu, ahm, um número específico só pra tratar desses assuntos, todos os meus pacientes da minha área têm, entendeu? Mais ou menos uns 570 pessoas, mais ou menos, entendeu? Então todas elas têm o meu número. Então qualquer dúvida que é relacionado a qualquer coisa... que tipo, todo dia eu atendo assim, no mínimo umas 50 pessoas entendeu, perguntando ‘ah, onde é que é o teste covid?’, ‘ah, onde é que eu faço vacina?’, sabe? E dá também aquele conforto pra pessoa não precisar vim, lá... né, que a minha área é bem lá no final da Cohab lá, vim até aqui pra pegar essa informação ou tentar pra ligar aqui pra unidade, sobrecarregar também a... né, ali assim.”*

Mateus ressalta as complicações do cenário, mas também as possibilidades de cuidado articulando vários atores sociais presentes no bairro:

*“Foi um momento bem complicado, né, tanto que a eleição da associação foi no dia 18 de novembro de 2021, e no dia 10 de dezembro, logo que assumimos nós entramos em contato com as Secretaria de Saúde, com o poder público, para trazer a vacinação para a Associação, a vacina do Covid, porque a vacina era dada só nas unidades básicas, assim, pro lado do centro também, né, e como a comunidade também tem essa dificuldade, né, às vezes tu não tem o dinheiro da passagem para pegar um ônibus. Então no dia 10 de dezembro, a nossa primeira ação na Associação foi a vacina da Covid, né, da primeira, segunda, e terceira dose. Então a nossa primeira marca, né, da nossa gestão, foi trazer a vacinação. Porque muita gente não tinha sido vacinada ainda, né, tanto que aquele dia ali foi um pouco mais de trezentas pessoas.”*

Interessante notar que a questão da vacina, no contexto da pandemia de Covid-19, transformou-se em centro de disputa política nacional no Brasil, disputa que “provocou uma tragédia sanitária que colapsou os sistemas públicos e privados de saúde”<sup>37</sup>. Segundo Fleury e Fava<sup>38</sup>, embora o Brasil tenha um programa nacional de imunização com uma trajetória consolidada, isso não foi capaz de evitar o atraso na imunização da população e os problemas na distribuição de doses da vacina, o que contribuiu para o recrudescimento da pandemia. A descentralização das ações de vacinação foi um dos problemas que muitas cidades brasileiras enfrentaram, inclusive São Leopoldo. Nesse contexto, tornou-se importante a ação da AMOCEF para promover o acesso à vacinação de moradores de periferia.

Uma modalidade de cuidado que surgiu nas regiões periféricas da cidade para dar conta da fome como um problema estrutural que se agravou com a pandemia, foram as cozinhas comunitárias. Segundo conta Mateus:

*“Nós já somos um bairro, que é periferia, né, pessoas mais pobres, enfim. E com a pandemia muita gente ficou desempregada, muita gente perdeu, quem tinha emprego uns perderam o emprego também. E a gente também tem bastante pessoas aqui, né, mães solo como chama. Que é a mãe e os filhos, né, então ela tem que pegar e, de alguma forma, sustentar a sua família. Então logo na frente, a gente conseguiu esse projeto de alimentação. Nós gostaríamos que esse acontecesse todos os dias, só que a gente não... como a gente recebe doações do comércio local, e eventos que a gente faz também, com entrada de 1kg de alimento, a gente consegue manter esses dois dias, né, mas se a gente conseguisse abranger pra mais dias na semana, a gente ia fazer isso também.”*

Estas ações coletivas começaram de maneira totalmente voluntária e hoje são apoiadas por um programa da Secretaria de Assistência Social do município. Porém, as cozinhas continuam com problemas de adquirir insumos e dependem do trabalho voluntário para funcionar. No caso da Feitoria, o projeto “Tá na Mesa” surgiu como uma cozinha comunitária, com trabalho voluntário de mulheres e homens da comunidade e doações de alguns órgãos e pessoas para comprar os insumos. A ação acontece às segundas e quartas-feiras e serve em torno de 200 almoços semanais. Vemos que a cooperação através do trabalho voluntário, das doações, da cedência das sedes das associações, cria uma trama de cuidado comunitário que se expande com as novas crises.

<sup>37</sup> FLEURY, Sonia; FAVA, Virgínia M. Dalfior. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. spe1, p. 248-264, 2022.

<sup>38</sup> FLEURY; FAVA, 2022.

Em junho de 2023, um ciclone provocou enchentes do Rio dos Sinos que afetaram diretamente o bairro. A AMOCF acolheu moradores desabrigados e ofereceu refeições para as pessoas afetadas. Observamos que as ações locais comunitárias e os serviços públicos descentralizados foram fundamentais para enfrentar a situação e ter uma resposta mais rápida do que os órgãos centralizados da prefeitura. Vale destacar que, em maio de 2024, com as enchentes no Rio Grande do Sul, e especificamente em São Leopoldo, a AMOCF continuou em atividade, coordenando doações e abrigo para famílias de outros bairros mais atingidos desta vez.

Pode-se perceber o cuidado como rede de interdependência entre pessoas, coletivos, instituições, que abraça amplamente as vidas no território. As enchentes são uma constante nessa região próxima ao Rio dos Sinos, sendo este um problema estrutural que desvela as precariedades do poder público para dar conta dessas situações, agravadas nos últimos anos com a crise climática que assola o estado do Rio Grande do Sul.

Nessa pesquisa, os espaços descentralizados e não vinculados diretamente ao poder público mostraram maior sensibilidade e proximidade com a comunidade em contextos críticos. A retomada da AMOCF foi um exemplo marcante no bairro, sendo “recuperada” como espaço comunitário num momento de crise como foi a pandemia. Inclusive, ao articular equipamentos públicos presentes no território, como a UBS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cuidadores mencionados demonstram uma responsabilidade coletiva com as vidas no território, mas também elaboram demandas do ponto de vista de políticas públicas. Isto refere a uma ética do cuidado como responsabilidade de diversos atores sociais, reforçando uma lógica de garantia de direitos.

No caso analisado, vemos que Mateus e outros homens negros ocupam posições de cuidadores na comunidade, o que desestabiliza os estereótipos relacionados a gênero e raça sobre quem é socialmente promovido a exercer o cuidado. Coloca-se a questão de como podemos fortalecer socialmente masculinidades cuidadoras, sendo que a socialização masculina cis heteronormativa, preponderante na nossa sociedade, se orienta a partir da “abjeção às práticas de cuidado de si e dos

outros<sup>39</sup>. Como vimos na narrativa de Tiago, não é possível pensar em uma única forma de ser homem, essencializada e estática por toda a vida, e sim nos contextos que vão produzindo um certo modo de ser mais próximo da normatividade e de uma masculinidade hegemônica. Da mesma forma, outros contextos vão possibilitando aos homens se experimentarem em lugares de afeto e cuidado, possibilitando a esses homens serem reconhecidos não a partir da violência, mas sim da promoção da vida, de si e dos outros.

Consideramos também que, se tratando de pessoas negras exercendo o cuidado comunitário em um território atravessado pelos efeitos do racismo estrutural, expressa não só uma resposta à desproteção e precarização, mas também à potência *amefricana* dessas vidas. Essa atuação tem rompido a lógica racista e etarista ainda presente no bairro, desnaturalizando imagens cristalizadas pela população acerca de homens negros jovens, que vem sendo reconhecidos como importantes referências comunitárias. Ambos os homens entrevistados, a partir de seus diferentes lugares, se mostram comprometidos com o cuidado comunitário, a partir de um olhar interseccional, que leva em consideração as especificidades das mulheres que sofrem violências, dos desafios das mães solas, do racismo e apagamento que pessoas negras têm sofrido no território, e se colocam como pessoas de referência na luta contra violências estruturais, tanto de gênero quanto de raça.

## REFERÊNCIAS

AGUAYO, Francisco; NASCIMENTO, Marcos. Dos décadas de Estudios de Hombres y Masculinidades en América Latina: avances y desafíos. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 207-220. abr. 2016.

AGUILAR, Lorena *et al.* *Quien busca... encuentra: elaborando diagnósticos participativos con enfoque de género*. San José: ABSOLUTO, 1999.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERARDI, Leda (comp.). *Análisis Crítico del Discurso*. Perspectivas latinoamericanas. Santiago: Frasis Editores, 2003.

---

<sup>39</sup> MEDRADO, Benedito *et al.* Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 179-183, 2021. p. 181.



BRUGÈRE, Fabienne. *A ética do cuidado*. São Paulo: Contracorrente, 2023 [2017].

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. Ciudad Universitaria: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

FLEURY, Sonia; FAVA, Virgínia M. Dalfior. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. spe1, p. 248-264, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Organizado por Flavia Rios e Márcia Lima. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HIRATA, Helena. *O cuidado: teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

IBGE. *Panorama do Censo 2022*. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008.

MEDRADO, Benedito *et al.* Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 179-183, 2021.

MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de Occidente. Academia feminista y discursos coloniales. In: SUÁREZ NAVAZ, Lilita; HERNÁNDEZ, Aída (ed.). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid: ed. Cátedra, 2008. p. 117-163.

NUNES, Margarete F. *et al.* “Era um hino de buzina de fábrica apitando”: memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 269-291, 2013.

OLIVEIRA, Elda *et al.* Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença-cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. *Interface*, Botucatu, v. 24, e180736, 2020.

RICO, María Nieves; ROBLES, Claudia. *Políticas del cuidado en América Latina: forjando la igualdad*. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2016.

RODRIGUES, Cauê *et al.* As políticas do (não) Cuidado Masculino: aplicações teóricas e práticas para a saúde em contexto comunitário. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 11, n. 9, e53611932207, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32207.

SAMPAIO, Valdirene Palmeira M. *Da trajetória da política habitacional ao encontro do Programa Minha Casa Minha Vida em São Leopoldo*. 2015. 172 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

SCHNEIDER, Cristina Seibert; SELAU, Gabriela Passos. “Não Cabia Todo Mundo...”: A educação patrimonial na ressignificação do valor simbólico da Casa da Feitoria. *Historiæ*, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 151-170, 2021.

SILVA, Sueli Angelita. “ONDE ESTÁ O JOVEM NEGRO?” Fragilidades socioeducacionais da juventude negra: evasão escolar, violência e extermínio. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

UGALDE, Cláudio; RIGATTI, Décio. *Configuração espacial e desenvolvimento urbano-regional*. Florianópolis: UNISC, 2007.

VEGA, Cristina; MARTINEZ-BUJÁN, Raquel; PAREDES, Myriam (ed.). *Cuidado, comunidad y común*. Experiencias cooperativas en el sostenimiento de la vida. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

VIVEROS-VIGOYA, Mara. *As Cores da Masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Trad. Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

**Recebido em:** 06 nov. 2024.

**Aceito em:** 02 dez. 2024.